

A história floresce no presente do CDDH

Fernando Gonçalves Rodrigues¹

Que oportunidade fantástica, que experiência estupenda, que dádiva divina constitui minha passagem por essa entidade, essa coroa charmosa que completa quarenta anos, com a grife de CDDH/Petrópolis, mas que também foi Grupo de Ação, Justiça e Paz (GAJP). Eu a vi nascer, eu a vi crescer e ganhar corpo, eu a vi enfrentar crises de identidade, na adolescência, e tenho notícia do seu florescimento na maturidade.

No começo, apenas algumas pessoas em torno de uma ideia sob a inspiração da teologia de frei Leonardo Boff, reunidas apertadas no aconchego do apartamento da Héliida; daí uma reunião ou outra no porão da Casa dos “Mineiros” (frades) e a realização de ‘círculos de palestras’. Evoluímos para um escritório, no terceiro andar da escola de enfermagem, generosamente cedido pela irmã Dulce Bastos e a articulação das entidades de direitos; seguidos por pautas, relatórios, reuniões de trabalho no ‘sótão’ da casa da amável Márcia Miranda. O sonho da sede própria veio logo, graças interlocuções e trabalhos do mestre Boff, pelo velho mundo. Em 1985, nos instalamos no casarão da Rua Carlos Gomes. A responsabilidade aumentava e os trabalhos se sedimentavam na comunidade local e fortalecia-se na em profícua articulação regional, especialmente com a baixada fluminense, cidade do Rio e de Volta Redonda. Quem diria que, a casa ficaria pequena! Poucos anos depois, lá estávamos de volta em definitivo à ‘Casa dos Mineiros’, na Monsenhor Bacelar, 400. Um sonho! Muitos projetos se diversificaram e outras entidades foram acolhidas no mesmo lugar.

Nos idos da década de 1980, a comunicação mais ágil era o telegrama, posto que telefone fosse apenas um aparelho usado para ‘*dis-car*’, mas dificilmente se obtinha ‘*linha*’ para falar. Fora isso, o nosso instrumento mais poderoso era a carta, postada no correio, para centenas de entidades depois de ‘*batida*’ na máquina-de-escrever, em papel estêncil e reproduzida na ‘*avançada*’ tecnologia do *mimeógrafo a tinta*. Essa linguagem é quase incompreensível na era da internet, do mundo conectado: blog, Twitter, Facebook, Instagram, Whatsapp. Mas nós estávamos ali, levando a frente um projeto de articulação e de pressão sobre autoridades públicas a cerca de violações de direitos humanos. Um projeto chamado SIN (Serviço de Intercâmbio Nacional), concebido no primeiro encontro Nacional de Direitos Humanos. Sérgio Hammes e eu tocávamos a redação, datilografia, mimeografia e expedição de centenas de cartas, com o apoio de Dulce e Márcia, enquanto que o Boletim do SIN era editado por Márcia Lisboa.

Por volta de 1985/6 o Ibase (Instituto de Análise Sociais e Econômicas), entidade conduzida por Betinho de Souza e Marcos Arruda, nos falava de algo futurista: de um trabalho em rede (network). Foi então que entramos num concurso para receber financiamento do Ministério da Justiça de Fernando Lira para adquirirmos nosso primeiro computador. A saga do PC (*personal computer*), uma dificuldade para aprender o sistema DOS, todo complicado e uma sala com ar condicionado preparada especialmente para aquele ‘ser estranho’. Era só a vovó da internet, que estava a caminho.

Parabéns a tod@s que protagonizaram essas realizações. Vida longa ao nosso Centro de Defesa!

¹ Militante do CDDH/Petrópolis entre 1982 a 1993 (Foi Presidente, Secretário Executivo do CDDH/Petrópolis e Secretário Executivo do MNDDH)